

DIÁRIO DE BORDO: Escritas poéticas de narrativas cotidianas

LOGBOOK: Poetic writing of everyday narratives

Jeíza Rodrigues Fontenele
fontenelerjeiza@gmail.com
UFC

Débora Frota Chagas
deborafrotachagas@gmail.com
UFC

Resumo:

As cartas aqui compartilhadas lançam perspectivas e inquietações trocadas entre bolsistas do Programa de Residência Pedagógica, atuantes no Colégio da Polícia Militar do Ceará, acerca das reverberações do dispositivo artístico-pedagógico do diário de bordo, proposto às turmas do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Embora inicialmente pensado para o desenvolvimento de uma relação residente-estudante, no percurso, a proposição encaminhou a construção de um objeto artístico de narrativas cotidianas, no qual as potências criativas dos estudantes foram estimuladas a possibilidades poéticas e visuais. Inspiradas pela experiência, propomos um convite para adentrar nesse espaço íntimo, a partir de reflexões sobre os afetos nascidos no decorrer da atividade.

Palavras-chave: Diário de bordo, Narrativas cotidianas, Escrita poética.

Abstract:

The letters shared here launch perspectives and concerns exchanged between two scholars from the Programa de Residência Pedagógica, who work at the Colégio da Polícia Militar do Ceará, about the reverberations of the logbook's artistic-pedagogical device, proposed to the classes of 9th grade and 1st year of high school. Although initially thought aiming at the development of a resident-student relationship, the proposition led the construction of an artistic object of everyday narratives, in which the students' creative powers were stimulated to poetic and visual possibilities. Inspired by the experience, we propose an invitation to enter this intimate space, filled with reflections on the affections born during the activity.

Keywords: Logbook, Everyday narratives, Poetic writing.

Fortaleza, 11 de setembro de 2019.

Querida J.,

Refletindo sobre nossas conversas acerca da atividade “Diário de bordo”, lembrei de um passado há muito adormecido. Quando criança, meus melhores amigos tinham páginas... algumas vazias, outras preenchidas por escritas afetivas, outras tantas coloridas por desenhos abstratos e mais algumas com riscados desconexos e rasuras aleatórias. Era silenciosa nossa relação e nossos segredos, guardados por cadeados (embora quase sempre quebrados), estavam continuamente em risco da descoberta, pois havia momento de desgrude. Minha rotina fazia parte das narrativas cotidianas e todos os sentimentos, misturados e confusos, eram descritos e reescritos numa dimensão atemporal, como se não importasse o hoje, ontem ou amanhã. A experiência dessa relação fora um presente, direcionado a uma infante tímida e solitária, primogênita de um matriarcado. Parecia que nosso envolvimento e confidências nunca se esgotariam e esse enlace perdurou por anos, até que se esvaziou nas demandas da vida adulta. Obviamente, essas lembranças não comportam nossa proposta para as turmas de 9º e 1º ano do ensino médio, principalmente na questão estética do objeto (o diário), como obra artística, mas fiquei a pensar como esses “meus melhores amigos” poderiam ser artisticamente obras. Relatos dados como ficção em uma proposta audiovisual? Ou ainda uma proposição autobiográfica em forma de instalação, inserida em uma sala branca, com várias projeções nas paredes e teto de registros pessoais e as escritas penduradas como pensamentos que voam e flutuam no ar? E se assim fosse, meu diário ainda seria obra, ou apenas o dispositivo para tal? E se fosse uma simples produção literária? Seria obra? Seria interessante a leitura sobre o cotidiano simples de uma anônima? Essa última questão me faz lembrar que por muitas vezes nos atentamos às escritas ordinárias dos estudantes, e como a proposta, a priori, não era apenas essa. Compreendo e aceito o diário enquanto obra artística, mas será que nada além valeu? A disposição de relatar o dia a dia, de expor intimidades, falar sobre “o *crush*”, ou de simplesmente escrever que “não tenho nada de interessante para falar”, parece-me um ato criativo, afora um demonstrativo de confiança e até afeto. Caso não, como e porquê deveria ser uma proposição apenas artística? E o atravessamento pedagógico? E a partilha do cotidiano entre nós não haveria razão de existir? Tudo isso ultrapassa minhas reflexões quando me atento que tivemos que lançar uma nota. Um número, entre zero e dez, que valide para fins “pedagógicos” a atividade. Como a nota pode refletir a experiência? Ponderar se o objeto alcançou ou não o *status* de obra artística? Considerando apenas os relatos do cotidiano mais habitual possível, o que seria esse objeto, então? Um erro? O resultado da

incompreensão? Seria ininteligível para quem na realidade?

A verdade é que o Diário de bordo tem sido meu calcanhar de Aquiles. Uma atividade que me deixou em estado de vulnerabilidade. Poderia até dizer de instabilidade, pois penso e repenso a cada etapa em como poderíamos otimizá-lo. E antes de tudo, questiono o que de fato queremos produzir. Um processo de ensino e aprendizagem? Que relação arte e vida desenvolvemos com os estudantes? Se é saber qual o espaço para a arte em seu cotidiano ou que olhar artístico é lançado em sua rotina, que obra é essa afinal?

São tantos questionamentos e sinceramente, tudo isso me parece tão nebuloso que me faz querer calar por agora e refletir um pouco mais, assim continuemos mais a frente os devaneios e partilhas.

Afetuosamente,

DFC.

Fortaleza, 11 de setembro de 2019.

Se não o diário de bordo, o quê?

Na condição de subverter, acredito que também terminei revolvida. Talvez não de cima a baixo, mas de dentro a dentro mesmo. E se começássemos pelo final? Ou pelo menos pelo tempo de agora, que findado (ainda) não é? Penso na atividade que nunca se esgota e nos últimos dias que estão mais urgentes do que nunca. O diário de bordo é um respiro e um sufoco. De tempos em tempos me vejo participando de uma experiência, como a que uma estudante me sugeriu ao preencher pequenos balões de ar e colocá-los dentro de uma enorme caixa. Inicialmente penso que possa ser mais uma distorção da compreensão do propósito da atividade, e assim, para demarcar quais os balões que já havia visto, vou furando-os, um a um, com a premissa de que essa é a relação que estabeleço enquanto público para com aquela obra. E então fico sabendo que aquele ar tem um valor inestimável para a menina, porque ela sofre de asma. É imediato: meu corpo murcha como a borracha colorida que acabei de violar. Como pude? Ela conecta, de forma muito consciente, sua respiração a pequenos segredos e narrativas que me conta em bilhetes pregados nos balões. Quando os leio, eles também se esvaem. Provoco para que ela assista à

performance Bombril, da artista Priscila Rezende, tentando com isso nutrir a relação entre a sua história de vida, seu corpo e a proposição de criação artística. O que eu tenho de precioso para oferecer em troca? Seus relatos começam sempre com um convite: “oi, acomode-se, sinta-se à vontade, estou prestes a lhe contar algo”. E eu o faço, quase como se estivéssemos tomando um chá às cinco da tarde. Às vezes estou confortável demais, em outras, queimo a língua.

Os diários de bordo continuam chegando às minhas mãos, aceitos não por mim, mas caindo em meus braços. É inevitável refletir sobre o que faria caso toda a responsabilidade pelas turmas fosse somente minha. Como cuidaria de cada produção? Como conferiria atenção individualizada? Se em sala de aula tudo se dilui - o tempo, as relações, o pensamento -, é no diário de bordo que tudo se concentra. Por instantes meu relógio gira apenas para aquele estudante, meu foco é exclusivamente voltado àquilo que me traz, minhas conexões provocam, em primeira instância, somente a ele. Seria possível propor algo no mesmo sentido caso fosse eu a assumir a regência de todos os 9º e 1º anos?

Pensar esse “final” é pensar também o início, lá longe, onde a vista não mais alcança. Um tempo no qual o olhar era outro, atraído por muitas expectativas e traído - de certa forma - pela pouca experiência. Hoje compreendo o “tudo ou nada” presente em nosso ato de arriscar. Da mesma maneira como alguns dos estudantes que, esgotados, se atiraram nas tábuas de salvação mais próximas deles mesmos, recusando-se a nadar nas águas que não conheciam. E nós, que talvez estejamos mergulhados em outras profundidades, choramos as poças d'água que nos aparecem. (Por vezes até rasas, mas você já viu como uma criança brinca com elas?) Imersos em algum outro mar, nos achamos desbravadores de todos.

Se não por esse caminho, por qual seguiremos?

J.

Fortaleza, 12 de setembro de 2019.

“Se não o diário de bordo, o quê?”

Querida J., para esta questão não tenho resposta. Por agora apenas sou preenchida pelas reverberações dessa proposição e não penso em outra possibilidade. Talvez pela instabilidade que

me traz provocações, ou pelo simples fato do desafio. Foram incontáveis as vezes que essa atividade me tocou sensivelmente e até me senti invasora em alguns momentos (mesmo ao receber de bom grado). Com esse “convite”, você tomou chá às cinco da tarde e eu assisti tudo como se olhasse pelo buraco de uma fechadura, com a respiração ofegante, prestes a ser descoberta. É provável que esse meu sentimento decorra de minhas já criadas raízes na escola. Um espaço de educação militar, onde praticamente tudo é proibido, parece-me que exercer a afetividade, a exposição de ideias e produzir um território livre para criação é algo não permitido a mim. E assim me flagro sempre em sobressalto, esgueirando-me entre a sala de aula e dos professores, porém sobrevoando os corredores em alta tensão. É nesse espaço de transeuntes que as mais arbitrarias e transgressoras propostas me surgem. O que de certo modo parece contraditório (ou seria paradoxal?), pois é exatamente nesse lugar nunca vazio que a vigia é recorrente. Talvez eu goste de uma confusão, ou apenas de remexer as estruturas estanques de um tabuleiro armado, mas como deveria ser a ação de uma professora de teatro em uma escola militar, se não assim? Fico a refletir sobre o que o “comando” da escola diria se soubesse que guardamos tantos segredos dos estudantes. Pergunto-me se não seríamos interrogadas, numa sala isolada, com uma luz a balançar e um balde com água ao lado, a fim de delatar os contraventores escolares, ou simplesmente para entregar os difamadores de nossa boa conduta. (Agora relendo percebo que ainda me é impossível desassociar as ações em uma escola da polícia a uma sociedade policiada. O que fazer? Calar? Resistir? Transgredir?). Penso assim, pois o Diário de bordo, independente de obra artística ou não, tem sido um espaço de abertura de confidências e isso subverte a ordem de sempre silenciar em uma escola da polícia militar. E se o professor de arte na escola assume muitos papéis, temos mais um a declarar. E o que estamos construindo com essa declaração? Meu desejo é a delação. Não na perspectiva de relevar um crime, mas no entendimento primordial de revelação. De um conhecimento súbito em direção ao diálogo e a reflexão. Não seria incrível se pudéssemos apresentar à comunidade escolar as escritas dos Diários de bordo, a fim de proporcionar a partilha do cotidiano, dos afetos e desafetos dos estudantes? Uma exposição autorizada e aceita, onde todas e todos confluíssem ao bem comum. Nesse momento de setembro amarelo, depois de tantas dores que nos arrebataram essa semana, não consigo me desligar. Não seria esse um ato artista? Afinal, o que é arte e para que serve em um ambiente escolar militar? Questão tão antiga quanto complexa...

Encerro mergulhada em águas salinas, em poças nada rasas, mas esperando saber nadar, ou pelo menos boiar.

Até a próxima.

Com carinho,

DFC.

Fortaleza, 13 de setembro de 2019.

É curioso, D., pensar os afetos que nos atravessaram nessa atividade do diário de bordo. Digo isso pensando em como vinha, há algum tempo, desejando sua extinção. Não por desacreditá-la, mas por sentir no meu corpo as reverberações de seus impactos nos e nas estudantes. Não foi fácil.

Em julho, quando nos reunimos para debater as primeiras etapas do ano letivo, sugeri que findássemos a proposta. No desenrolar da conversa, algo da informação de "imaginar que não funcionaria" foi dito e fiquei inquieta por dias pensando nos porquês de termos, então, decidido por ela em detrimento de outras ideias. E foi aí que resgatei, de anos anteriores, ainda na graduação de Psicologia, a memória de quando estudei sobre as diferenças nas aprendizagens que se dão por "regras" ou por "contingências". Explico. Há uma teoria da subjetividade, ainda pouco compreendida no campo educacional, que aborda o assunto há bastante tempo: como é diferente, por exemplo, que uma criança aprenda que não deve tocar em uma tomada e ao tocá-la e levar um choque; e o que se dá quando ela aprende a não fazer isso a partir de uma regra estabelecida verbalmente. Ao aprendermos pela experiência somos capazes de melhor adaptarmos quando o contexto muda. A regra é fator passível de engessamento. A experiência nos atravessa. Quantos foram os que anteriormente já proferiram essas palavras, de um jeito ou de outro? Como foi importante termos colocado os dedos na tomada, então! De outra forma, caso você tivesse estabelecido a indicativa de não utilizarmos esse instrumento tão próximo da nossa realidade enquanto licenciandos, como seríamos hoje capazes de revirar e ressignificar os achados tão valiosos? Como lidaríamos com tantas questões que nos chegaram desde o início do ano?

Os e as estudantes, ainda adolescentes, demonstram suas afetações de muitas formas,

mas esse local da confiança, do segredo, me parece sempre pertencente a uma ordem mais próxima da relação que estabelecem entre si. A confiança estabelecida com o diário de bordo provoca (ou no mínimo possibilita que aconteçam) reações que poderiam parecer de desafio, mas que me chegam como um pedido muito íntimo, muito próximo da maneira como fariam uns com os outros. Uma das estudantes do 1º ano, que vinha seguidamente colocando seus relatos em *post-its* coloridos dentro de um recipiente de vidro, recentemente me enviou o diário de bordo com um único bilhete escrito. Ele, apesar de sucinto, era extremamente cirúrgico sobre suas questões com a feitura do diário de bordo. A mensagem parecia um pedido de socorro, lançado ao mar dentro de uma garrafa, sem saber sequer se encontraria o destinatário. Eu jamais poderia ignorá-la.

Mas foi tão somente pelo choque, pela oportunidade da descarga elétrica, que pude (tentar) me reinventar. Descobrir novas formas de estar próxima desse objeto. Ler as entrelinhas. Com receio de apenas ceder e não compreender o que era esperado de mim enquanto professora, mas muito certa de que não poderia deixar de ouvir, com atenção e com carinho o que me era tão confidencialmente compartilhado.

Sinto que o diário de bordo proporcionou solo fértil para o afeto cuidadoso, ainda que esse local da escuta seja algo ainda tão nebuloso na minha experiência. Em meu próprio exercício de escrever sempre, relatei há meses como me parecia inevitável olhar com carinho para os e as estudantes, talvez numa tentativa de que percebam - e acreditem - que não estão sós (me inquieto com o pensamento de como essas palavras seriam lidas na escola). É também sobre ser terra firme onde encontrar apoio.

Será que sentem isso?

Será que haverá tempo? (Sempre ele...)

Começo a sentir saudades.

J.

Fortaleza, 13 de setembro de 2019.

Querida J.,

Estive recentemente fazendo as contas de quantos Diários de bordo passaram por minha leitura. Apenas na primeira etapa desse ano letivo eram aproximadamente trezentos e cinquenta objetos, relatos desenrolados em cadernos, potes de vidro, caixas, cabide, áudios, vídeos, drives, sites e tantos outros formatos. Fico a imaginar se essa atividade fosse proposta para todas as vinte e sete turmas que estão sob minha responsabilidade. Seriam, minimamente, oitocentas partilhas. Essa soma é a primeira impossibilidade que reflito sobre a proposta. Como teríamos tempo para acessar tudo? E caso ainda o tempo fosse permissivo, qual a qualidade da atenção para cada um? São tantas nuances em cada relato, em cada objeto. No ato da proposta, em nosso planejamento em dezembro do ano passado, esse foi o primeiro pensamento que me veio: Como terão tempo de ler tudo? Sabia que além das horas na escola, obrigatórias para o cumprimento da carga horária do Programa de Residência Pedagógica, vocês tinham outras demandas com as várias disciplinas da graduação. Calei-me não apenas por acreditar ser necessária a experiência, mas pela certeza que podemos nos reinventar sempre, mesmo sendo, de certa forma, aprisionadas a regras fixas no sistema escolar. Nesse cárcere, pensar a subjetividade é sempre exposto e incentivado, mas sabemos que essa realidade é ilusória quando nos percebemos em um espaço de educação que prima pela uniformização. A aula de arte no Colégio da Polícia Militar do Ceará me parece ainda uma criança que engatinha, iniciando as primeiras tentativas dos passos a caminhar. Ora cai, ora cambaleia, tal ora segue dois passos a frente, para depois esparramar-se ao chão novamente, até finalmente conseguir equilibrar-se e arriscar-se seguir em frente. Durante os anos de percurso na escola, muitas quedas sofri. Posso até dizer que alguns tombos foram provocados por fatores externos a mim. Talvez pela incompreensão (de todos nós?) do porquê é necessário estarmos ali. Meu mais sincero entendimento é que não estamos ali apenas para os conteúdos de arte, que aparentemente devem ser “depositados” nos estudantes para que possam alcançar as melhores notas no Enem (afinal, somos 1º Lugar no ENEM pelo 4º ano consecutivo dentre as escolas públicas estaduais. Quanta pressão, hein?!), mas estamos em contato afetivo e diário com os estudantes. Crianças e adolescente ansiosos, uma geração carente e na expectativa de mais do que atenção. Foi pensando nisso que certo dia comentei sobre como seria essa proposta de diário de bordo lançada para as turmas de 6º ano. Creio que o desenrolar seria outro. A questão da falta de tempo e de atenção permaneceriam, mas seriam apenas cento e oitenta objetos. (É até irônico isso, “apenas cento e oitenta”). Bom, embora ainda me pareça um número exorbitante, há em

mim um forte desejo de tentar. Mesmo que seja reestruturada, os atravessamos me incitam a continuar. Apesar de tantas dores e incertezas, essa atividade provocou um lugar de instabilidade que me inquieta artística e pedagogicamente, e faz com que queria degustá-la um pouco mais. Como quando ainda teimo em comer algo com lactose, que mesmo sabendo onde vou parar ao final do dia, a satisfação do instante contempla o desejo.

Ano que vem você não estará mais comigo na escola e nem os outros seis bolsistas da Residência Pedagógica. Voltarei a ser uma ilha, cercada por um mar turbulento de tubarões armados até o dentes. Ainda não consigo pensar ou falar muito sobre isso, pois sei a saudade que sentirei e isso já dói. A parceria que construímos foi imensurável e fico feliz ao pensar que essa proposta iniciada por vocês perdurará. A experiência de ter todos vocês me atravessou profundamente. Fortaleceu-me! Profissional e pessoalmente. Só tenho agradecer.

Já com saudades,

DFC.

13 de setembro de 2019.

D., não pude evitar passar bastante tempo pensando nas inúmeras possibilidades que surgirão com a atividade do diário de bordo sendo proposta para o 6º ano. Espero que, apesar de não mais na escola, eu possa ter a oportunidade de ouvir de você como tem sido e me deleitar no afeto certo que virá!

A materialidade do diário de bordo sempre me atingiu e, de alguma forma, vem sendo metáfora para toda a experiência da Residência Pedagógica. Durante a primeira etapa do ano letivo, ainda engatinhando e cheia de premissas, recebi 32 diários de bordo da turma de 1º ano em que estava. No segundo bimestre, ao assumir mais duas turmas, ambas de 9º ano, a quantidade de objetos beirava à primeira centena. Sem contar com as caixas e caixas que começaram a surgir após o primeiro *feedback*. Agora, na terceira etapa, com mais uma turma de 9º ano, cheguei a me ver cercada de tantas propostas artísticas, em tão diferentes formatos, tamanhos e profundezas, que fui várias professoras em um mesmo dia durante pelo menos uma

semana inteira. Chegar novamente na escola carregando todos esses artefatos foi um desafio. Como levaria sozinha tantas produções? Não sei como, mas fiz com que acontecesse. Enlaçando cada caixa e bolsa entre uma articulação e outra e fazendo delas o meu próprio corpo.

A cada dia carrego todos comigo, de alguma forma, pelos corredores da escola. Em sala de aula percebo as microrrelações que foram sugeridas em páginas e áudios e desenhos e garrafas... Estão lá, mas estão aqui também, como se eu fizesse parte de todos esses universos, sabe? Em cada um deles encontro comigo mesma - passado, presente e, porque não, futuro -, me vejo nos poemas, nos brilhos, nas pequenezas que montam e desmontam, nos origamis que fui incapaz de refazer para devolver...

O diário de bordo, independente de como chega, parece-me sempre uma doação. E também uma companhia (que não deixa de ser uma doação de tempo e afeto). Faz com que não me sinta sozinha e distanciada da escola nas semanas em que a minha presença é desnecessária.

Nostalgicamente (é possível ser nostálgica com o futuro?) já reflito sobre como será a última vez. Assumo que gostaria que permanecessem comigo, pelo apego afetivo, pelo imaginário da professora de Arte que venho (re)construindo a cada momento. Mas sei, logicamente, que não será possível. E sensitivamente também sei que não deixarão nunca de estar, pois fomos os primeiros juntos. E o que compartilhamos não se perde ao final de um ano letivo.

Para finalizar, penso que deveríamos manter as nossas cartas, sabia? Trocar de outras formas para além das (valiosas, obviamente) conversas que temos na correria do dia a dia da escola. Aqui construímos um outro tempo.

O que me diz?

Um abraço apertado,

J.

Fortaleza, 15 de setembro de 2019.

Querida parceira J.,

Creio que já estamos em um estado de metamorfose que podemos assumir o que quisermos, inclusive nossa nostalgia futura. Se não era possível, agora o é. Vejo cada uma nós

como uma fabulosa fênix, ardendo em um braseiro para, em seguida, renascer das próprias cinzas em um ciclo interminável de vida, morte e renascimento. Nesses últimos quatorze meses, planejando, replanejando e construindo juntas, percebo o quanto nos refizemos e reinventamos. E no ambiente fluído escolar que nunca cessa, estar atenta as percepções do cotidiano acaba sendo um ato político. Existir para resistir!

Nessa terceira etapa não acessei os diários de bordo e provavelmente na última etapa do ano letivo também não o farei. Fiquei a refletir que esse espaço de confidências deve ser resguardado apenas por você e pelas relações que estabeleceu com os estudantes, principalmente pelos seus *feedbacks*. Compreendo que algumas questões de autoridade permanecem e incomodam, por eu ser “a Professora” e você “Residente”, mas há em mim uma total confiança, não gratuita que fique explícito, que você se encontrou em sala de aula e sinto uma pitada de orgulho por ter participado desse momento, ter disponibilizado um espaço (ou território) para seu crescimento e autoconfiança.

Sabe o que é mais estranho de tudo isso? Por muitas vezes me parece que eu fui a aprendiz. Não apenas em relação a nossa experiência como bolsistas da residência, mas no tocante a atividade de diário de bordo. Minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!! Eu nunca saberia o que é Kpop! Jamais passaria dias decifrando um enigma para abrir uma caixa sinistra! Não ficaria tão surpresa ao abrir uma caixa, dentro de outra caixa, que segue em outra caixa para encontrar um chocolate sem lactose e um recadinho com *bon appetit*. Certamente, “parece-me sempre uma doação”. E de fato, carregarei comigo os relatos e segredos, mesmo os que alcancei apenas pela sua oralidade, ao compartilhar comigo algo que chamou atenção. Guardarei em minhas mais deliciosas lembranças todas as vezes que ocupamos toda a mesa da sala dos professores com as diversas bolsas carregadas de escritas poéticas. E lembrarei sorrindo dos momentos que precisei tirar meus gatos de dentro das bolsas ou de cima dos cadernos, tendo depois que explicar vergonhosamente ao “dono” do diário o porquê daquelas patinhas marcadas na capa. Fomos guerreiras no levar e trazer à escola tantos objetos criativos.

Fico agora a pensar em nossa correspondência... que se originou das provocações do diário de bordo e percebo que os enlaces foram tantos. Talvez esse seja o grande lance dessa atividade, possibilitar abraços. Não me refiro a proposta que fizemos aos estudantes para escreverem sobre

os “abraços” das férias, mas na perspectiva de abraçar (compreender) o mundo – a arte e a vida - em um espaço único de criação.

De todo modo, aceito os abraços. Os de ontem, hoje e os de amanhã. Abraços na aula da saudade no último dia letivo desse ano; Abraços que virão ano que vem com as turmas de 6º ano e seus diários de bordo; Abraços na partilha certa com você no futuro; E abraços na continuidade de nossas cartas (Eu topo demais!).

Seguimos assim abraçando o mundo, a sala de aula, os estudantes, nossa profissão e o afeto.

Abraçar para existir e resistir!

Um forte, carinhoso e demorado abraço.

DFC.

Artigo submetido em 15/09/2019, e aceito em 26/11/2019.